

Robert Pippin, *The Culmination: Heidegger, German Idealism, and the Fate of Philosophy*, Chicago, The University of Chicago Press, 2024. 256 pp.; ISBN 978-0226830001.

Na sua mais recente obra *The Culmination: Heidegger, German Idealism, and the Fate of Philosophy* (2024), Robert Pippin desenvolve uma crítica ao projeto filosófico do idealismo alemão. Definindo o idealismo como a posição que defende a capacidade da razão pura para determinar integralmente a inteligibilidade do real, Pippin centra as suas críticas na filosofia de Hegel, adotando, no entanto, um olhar mais matizado sobre Kant. Tal crítica de Pippin ao idealismo alemão integra, com efeito, influências explícitas da filosofia de Heidegger, sobretudo no que concerne à ênfase na finitude humana, à historicidade e à crítica das pretensões totalizantes da metafísica tradicional.

A tese apresentada nesta obra tem dois momentos principais: o primeiro consiste na interpretação do tema central da filosofia de Heidegger como significado (*meaningfulness*), no sentido de valorização, importância, ser significativo; o segundo diz respeito a uma exploração da natureza finita do humano e às consequências epistémicas da primordialidade dessa limitação. Estes momentos estão intimamente ligados. Começemos pelo primeiro momento. Para Pippin, a questão pelo sentido do ser é interpretada como uma questão acerca do significado dos entes. O significado dos entes refere-se a uma relação pré-ontológica e pré-discursiva com os mesmos – uma relação que precede e fundamenta qualquer abordagem conceptual ou científica. Dessa forma, a metafísica tradicional transforma-se numa antropologia a priori, isto é, numa investigação das condições estruturais da existência humana que condicionam o uso discursivo da razão e delimitam os seus limites. No entanto, importa notar que Pippin sugere que esta interpretação heideggeriana é, em certa medida, viciada no que respeita à leitura de Kant. Heidegger, ao tentar sublinhar como Kant teria recuado perante a primordialidade da imaginação, teria, segundo Pippin, menosprezado o facto de que, para Kant, o entendimento é já limitado pela receptividade sensível. Ou seja, Kant reconhece que a razão pura não é autónoma, pois está condicionada pela experiência sensível que molda os seus conteúdos.

Esta crítica não conduz Pippin a rejeitar o essencial da “crítica de Heidegger a Kant”; pelo contrário, Pippin defende que uma filosofia primeira, no sentido mais estrito, deve ter como base a imaginação, entendida como a faculdade que torna os entes acessíveis ao sujeito. Em suma, a finitude metafísica do ser humano decorre de uma antropologia a priori, à luz da qual a possibilidade de uma ciência do puro pensar é contingente. A interpretação do ser como inteligibilidade depende, assim, da abertura prévia de um horizonte de significado, o que torna impossível a ideia de absoluto – entendida como a possibilidade do pensamento puro que, em autoconsciência, se torna conteúdo de todo o pensar e alma de todo o ente.

A tese secundária desta obra de Pippin afirma que a interpretação do ser como inteligibilidade é assumida desde, pelo menos, Platão, marcando, assim, o início do esquecimento da pergunta pelo sentido do Ser, pergunta essa que se perde para a metafísica, que não mais a coloca. A filosofia de Hegel representaria, para Pippin, a culminação desta tradição: Hegel seria o filósofo que explicitamente determinaria a totalidade dos entes como pensamento pensando pensamento (não os entes como entes particulares, pois os entes seriam apenas conhecíveis enquanto existentes mas não na sua quiddidade: o espírito sabe o

que um organismo seja, mas não o que seja este organismo particular enquanto particular, justamente). Heidegger, por sua vez, na sua tentativa de ultrapassar esta culminação, faria metafísica no sentido originário do termo.

Em nosso entender, a tese de Pippin de que a interpretação do ser como inteligibilidade é a assunção básica da tradição metafísica é ou um erro ou uma simplificação. Vejamos: para Heidegger, a interpretação do ser que domina o avanço do primeiro início é “ser como presença” e esta interpretação é ela própria distorcida por Platão, vertendo o ser naquilo que é comum, a aparência externa (embora sempre capturada a priori) dos objetos: a ideia. Isto não significa que Platão transforme o ser do ente em pensamento, nem é isso que Heidegger pretende sublinhar. O que está em causa é que o pensamento inceptual pré-platónico é invertido, e a presença confunde-se com o que está presente e o ente torna-se no único horizonte da questão pelo ser.

Em segundo lugar, a reconstrução histórica proposta por Pippin tende a desvalorizar o papel de Nietzsche no desenvolvimento da metafísica. Pippin diz pouco a esse respeito, limitando-se a observar que, para Heidegger, Nietzsche fracassou na sua tentativa de superar a metafísica. Mas, na verdade, Heidegger propõe que, com Nietzsche, o ser é decisivamente interpretado como vontade de vontade, vontade que procura munir-se com meios, que se potencia; é a vontade de vontade que está na base do domínio mundial da maquinação (*Machenschaft*). Este menosprezo em relação ao pensamento de Nietzsche, tal como realizado por Pippin, impossibilita que o tema do niilismo seja devidamente considerado e avaliado (o niilismo enquanto esquecimento do esquecimento do Ser): com efeito, Pippin toca levemente neste tema, definindo equivocadamente o niilismo como consequência do duplo velar, e não como o próprio duplo esquecimento.

The Culmination apresenta um relato insatisfatório da história do Ser, o que seria desculpável se este fosse um livro apenas acerca do Heidegger pré-*viragem* (*Kehre*), mas Pippin insiste na continuidade entre Heidegger I e Heidegger II, servindo-se de excertos de Heidegger II na sua argumentação. Pippin traduz aquilo que designa como *Heideggerês* para a linguagem de *Ser e Tempo*, e traduz a linguagem de Heidegger I para *Pippinês* – ora, tudo isto faz parecer que Heidegger seja um filósofo obscuro e rebuscado. Todavia, ninguém explica um filósofo melhor do que o próprio, e Heidegger é um exemplo perfeito de um pensador extremamente meticuloso na sua “escolha” de palavras, apresentando-se perfeitamente claro aos seus leitores. O *Heideggerês* é bastante superior ao *Pippinês* e, obviamente, mais útil para quem quer entender o pensamento de Heidegger. Sem tomar a obra da Heidegger na sua totalidade, não é possível compreender a posição de Heidegger em relação a Hegel, tal como não é possível compreender exatamente o que metafísica significa para Heidegger e em que sentido Hegel pertence a esta história. Tudo isto seria nulo se Pippin apenas procurasse apresentar uma posição influenciada por Heidegger, mas não é disto que se trata. E é, pois, necessário contrapor as teses centrais de *The Culmination* com o pensamento heideggeriano enquanto tal.

A posição segunda a qual a questão acerca do sentido do ser é uma questão pelo significado dos entes está assente no sentido particular que Pippin atribui a ‘significado’. Significado é aqui um composto de sentido (*Sinn*) e significado (*Bedeutsamkeit*), referindo-se à maneira específica como os entes estão sempre já descerrados no mundo; este modo é sempre pré-ontológico e, como tal, pré-conceptual. Este descerramento é interpretado por

Pippin como algo pragmático: para Pippin, o que Heidegger propõe é que ser é importar, ser importante, ter valor, ser significativo (para evitar confusões, *meaningfulness* será traduzido a partir de aqui como ‘importância’ e *Bedeutsamkeit* como ‘significado’).

Esta posição apresenta dois problemas: um relativo a *Ser e Tempo* e o outro a Heidegger II (ou ao Heidegger na totalidade da sua obra). O primeiro problema diz respeito à universalização do significado: o significado é a estrutura essencial da mundanidade, e concerne ao carácter mundano dos entes com os quais *Dasein* se comporta – mas, há que sublinhá-lo, o significado não é a forma do descerramento de todos os fenómenos (nem todos os fenómenos são *πρῶταῦτα*). O sentido do ser em si não se refere à mundanidade dos entes. Mesmo que se aceite uma versão mais fraca da tese de Pippin, que distingue mas relaciona o significado dos entes e o sentido do ser, o ser-no-mundo permanece uma estrutura fundamental do *Dasein*, que não pode ser simplesmente perdida. Pippin argumenta que a valorização moderna da inteligibilidade – isto é, da capacidade de compreender o mundo conceptualmente – acaba por obscurecer o carácter fundamentalmente pragmático da ciência. Esta crítica, porém, ou equivale a uma “perda do mundo”, algo impossível ao humano, ou trata-se apenas de uma preocupação conceptual sobre a natureza da verdade proposicional. De qualquer modo, mesmo se a ciência for entendida como essencialmente pragmática, a sua valorização continua a ser uma valorização de entes no mundo enquanto *πρῶταῦτα* – isto é, enquanto coisas com utilidade ou função no horizonte prático da existência. Esta valorização da inteligibilidade, se conduz à desvalorização da própria experiência de importância e significado, implica um duplo encobrimento do ser. Caso contrário, essa valorização seria apenas uma preocupação teórica, limitada ao âmbito da verdade proposicional.

Um segundo problema, mais profundo, diz respeito à tendência de responder à questão do ser através de uma reflexão sobre os entes enquanto tais – ou seja, de reduzir a questão do ser à investigação das propriedades dos entes. Isso equivale a reabsorver Heidegger na tradição metafísica que ele precisamente tenta ultrapassar. Esse gesto não seria, por si só, problemático, não fosse o facto de assentar numa leitura inadequada da relação de Heidegger com a metafísica. Com efeito, qualquer tentativa legítima de apropriar-se da filosofia heideggeriana teria de confrontar e talvez até destruir a sua própria interpretação da tradição – e não simplesmente desconsiderá-la.

O pensamento de transição (*Übergängliche Denken*) de Heidegger não se limita a um ser-afectado pelo significado ou importância dos entes. Trata-se, antes, de um o ater-se àquilo que deve ser pensado (a falta, o duplo esquecimento do ser). Ao concentrar-se quase exclusivamente na razão discursiva, Pippin revela-se incapaz de pensar a relação íntima entre linguagem, pensamento e Ser. Para Pippin, a metafísica corresponde, em larga medida, à assunção de que a inteligibilidade é o valor supremo. Quando o ser é interpretado sobretudo em função da inteligibilidade, o pensamento filosófico tende a desaguar na lógica – entendida como ciência do puro pensar. Neste percurso, Hegel aparece como o ponto culminante de uma leitura do ser que, desde o início, limita a totalidade do ser aos entes enquanto inteligíveis e, com isso, reivindica o direito a uma ciência total do ente. Uma vez que a importância se torna primária em relação à inteligibilidade, então também a errante metafísica da tradição é condicionada por uma possível antropologia a priori. Pippin sobrestima a centralidade desta antropologia no pensamento de Heidegger e, desta forma,

subjetiviza-o.

Para Heidegger, aquilo que está na essência da metafísica (no sentido da tradição metafísica – Heidegger não enfatiza a distinção entre uma metafísica no sentido próprio e uma metafísica errante tal como Pippin faz) não é um esquecimento da diferença ontológica. Tal diferença ontológica pode muito bem existir na metafísica – o que Heidegger afirma, sim, é que metafísica nasce da tentativa de pensar o Ser através dos entes, transformando o Ser na entidade dos entes (Seiendheit). A diferença ontológica é apenas uma pista e um trilho para o Ser (Seyn). Aquilo que está na base desta interpretação de Heidegger é a forma como o Ser acontece no primeiro início, isto é, como presença: a presença é já o ser tal como é pensado no pensamento inceptual (anfänglich denken) grego. Heidegger procura repensar esta interpretação do ser, avaliando-o como recusa e preparando a transição para um outro início. Platão não é acusado por Heidegger de transformar o ser em inteligibilidade, mas antes de o tornar representação, de o tornar em presença de novo, e com isto, embora não imediatamente, abrir as portas para a transformação de ἀλήθεια em rectitudo e, subsequentemente, em certitudo. Para Heidegger, cada uma destas transformações corresponde a um obscurecimento dos entes e a um prevalecer do juízo, sendo a etapa final a situação em que os entes apenas estão presentes na sua conexão com a vontade humana, ou seja, apenas porquanto são significantes ou valiosos – assim, o Ser perde-se na vontade de vontade.

A “crítica” de Heidegger a Hegel é então compreensível apenas desta forma: a fenomenologia do espírito culmina na vontade de vontade; a interpretação do Ser como espírito absoluto pertence sempre à metafísica, constituindo o ponto final do domínio da representação, onde o espírito se certifica de si mesmo, e com isto, paradoxalmente, prepara o caminho para a livre atividade da consciência natural (Heidegger afirma, inclusivamente, que o positivismo é consequência do idealismo alemão). Por conseguinte, Heidegger acusa Hegel de abrir a porta para a hegemonia da vontade de vontade ao absolutizar o sujeito.

A insistência por parte de Pippin nas palavras “meaningful” e “meaning” traduz um elemento negativo do seu livro. O argumento segundo o qual Heidegger propõe que o ser é importância é, na verdade, uma inversão do pensamento heideggeriano: importância, valor, ser significativo – tudo isto pertence à entidade do ente na forma com esta se essência contemporaneamente, a vontade humana. Mesmo quando concebida fenomenologicamente, como o ser-no-mundo do Dasein, a importância – tal como é entendida por Pippin – nunca pode constituir a essência do Ser. Haveria muito a ganhar se todas as instâncias da palavra “meaning” fossem apagadas da obra e substituídas por um espaço em branco: notar-se-ia a falta no que diz respeito a Ser e Tempo, mas, pelo menos, cada leitor poderia imaginar algo mais apropriado. *The Culmination* mostra, assim, que, no que concerne à complexa relação entre Heidegger e Hegel, as únicas obras que são verdadeiramente significativas (e que devem ser lidas) são as de Heidegger e Hegel.

Frederico Páscoa
(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)